

O PESO DA ESCOLHA: ANÁLISE EXISTENCIALISTA DA MÁ-FÉ NO ANIME DEATH NOTE

Jullie Catherine Furtado ¹
Bianca Mariane de Araújo Germano ²

RESUMO

O artigo analisa o anime *Death Note* sob a ótica da psicologia existencialista, com base nos conceitos filosóficos de Jean-Paul Sartre. O foco é compreender como o comportamento de Light Yagami (Kira) expressa tensões relacionadas à liberdade, responsabilidade, má-fé, angústia e ao olhar do outro. Apresenta-se, inicialmente, o pensamento sartriano, que nega uma essência humana prévia, afirmando a liberdade como condição fundamental da existência e a responsabilidade como consequência inevitável. Explorando ainda os conceitos de angústia e má-fé, com apoio em Sartre e Reynolds (2013), o estudo analisa o primeiro episódio do anime, especialmente o diálogo entre Light e Ryuk e o flashback dos primeiros assassinatos cometidos por Light. Essa cena revela a angústia inicial do protagonista e sua posterior racionalização moral das mortes, dando início a um processo de má-fé. Discute-se como Light tenta negar sua responsabilidade ao justificar suas ações por fatores externos — como o caderno ou o contexto social — e ao criar uma separação entre sua identidade e a figura de Kira. Também é examinada a importância do olhar do outro na formação da identidade. Conclui-se que a trajetória de Light representa uma recusa da liberdade e da responsabilidade, pilares do existencialismo. A análise evidencia como o personagem recorre à má-fé para fugir da angústia e ilustra, de maneira simbólica e dramática, dilemas éticos e existenciais. Assim, *Death Note* oferece uma narrativa ficcional relevante para refletir sobre os conflitos do existir.

Palavras-Chave: Existencialismo. Death Note. Ma-fé. Psicologia.

ABSTRACT

The article analyzes the anime *Death Note* through the lens of existentialist psychology, grounded in the philosophical concepts of Jean-Paul Sartre. It focuses on understanding how the behavior of Light Yagami (Kira) reflects tensions related to freedom, responsibility, bad faith, anguish, and the gaze of the other. The study begins by presenting Sartre's thought, which denies a pre-established human essence and affirms freedom as a fundamental condition of existence, with responsibility as its inevitable consequence. The concepts of anguish and bad faith are also explored, drawing from Sartre and Reynolds (2013). The analysis centers on the anime's first episode, especially the dialogue between Light and Ryuk and the flashback depicting Light's internal conflict after his initial killings. This scene reveals the protagonist's initial anguish and his subsequent moral rationalization of the murders, marking the beginning of a process of bad faith. The discussion highlights how Light attempts to deny his responsibility by attributing his actions to external factors — such as the notebook or the social context — and by creating a division between himself and the figure of Kira. The importance of the gaze of the other in shaping identity is also examined. The article concludes that Light's trajectory represents a rejection of freedom and responsibility, core aspects of existentialism. The analysis shows how the character resorts to bad faith to escape existential anguish, illustrating in a symbolic and dramatic way the central dilemmas posed by existentialist philosophy. Thus, *Death Note* offers a valuable fictional narrative for reflecting on the conflicts of existence.

Keywords: Existentialism. Death Note. Bad faith. Psychology.

¹ Mestrado em Psicologia. Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário Cidade Verde - Unicive.

² Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Cidade Verde - Unicive.

1. DESCRIÇÃO DA MÍDIA

Death Note é um mangá escrito por Tsugumi Ohba (1962 – atualmente) e ilustrado por Takeshi Obata (1969 – atualmente) em 2003, adaptado para um anime homônimo estreado em 2006, produzido pela Madhouse, com 37 episódios.

A história é baseada em uma realidade que existem deuses da morte que possuem Death Notes (cadernos da morte). Light Yagami, personagem principal da série, acaba encontrando um destes cadernos, que são capazes de tirar a vida do humano cujo nome for escritos em suas folhas enquanto se imagina o rosto do sujeito. A partir desse momento, Light é acompanhado por Ryuk, deus da morte, que deixou o caderno cair no mundo dos humanos.

Light Yagami cresceu na cidade de Tóquio, no Japão. Cansado da onda de crimes e injustiças do mundo em que vive, decide matar os criminosos utilizando-se do caderno, no objetivo de construir um mundo que julga “perfeito” e se tornar o deus desse novo mundo. A medida em que o número de mortos cresce, a população divide-se entre aqueles que consideram a atitude correta e aqueles que consideram um absurdo. A polícia começa a agir e investigar o famoso “Kira”, apelido adotado pelo responsável por estes assassinatos.

Para a investigação, a polícia precisa recorrer a “L”, um detetive anônimo que solucionou todos os casos que já assumiu e desvendou alguns dos maiores mistérios que o mundo já viu. L é o adversário ideal para lidar com Kira, principalmente por conta de seu anonimato, ademais, o detetive é um oponente à altura da genialidade de Light, pois, eles possuem um raciocínio lógico equivalentes. A trama se desenrola entre a investigação, sempre tensionando sobre a moralidade e a ética (ou a falta de) dos atos de Kira.

Durante o desenrolar da história, Light Yagami começa a ir contra seus próprios princípios, ao matar pessoas que não cometeram crimes assim que elas se tornam um obstáculo em seu caminho, com a justificativa de fazê-lo por um bem maior.

2. INTRODUÇÃO

Jean-Paul Sartre (1905-1980) é um autor autoproclamado existencialista, é o escritor da obra *O ser e o nada: Um ensaio sobre a ontologia fenomenológica* (1943), que teve como principais influências o Martin Heidegger (1889 – 1976), Edmund Husserl (1859 – 1938) e G.H

Friederich Hegel (1770 – 1831). Em *O ser e o nada* (1943) fundamentou-se o existencialismo francês no qual o filósofo intelectualizou acerca da existência, liberdade, angústia, má-fé, entre outros; e a partir destes conceitos que esta análise se baseará.

Para iniciar a discussão, faz-se necessário compreender como Sartre concebe o homem, o autor argumenta contra uma natureza ou essência humana pré-existente, isto “significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define” (SARTRE, 1970, p.3), o que o leva a afirmar que pela ausência dessa essência ou restrição que nos determine, somos livres para perseguir qualquer essência que desejarmos, desta forma, “O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo” (SARTRE, 1970, p.3).

Sartre afirma que somos condenados a ser livres, pois esta é uma condição da qual não podemos renunciar. Isso não significa que o contexto em que vivemos é ignorado, pois “isso é o que ele chama nossa “facticidade” – a soma dos “fatos” sobre nós, incluindo nossa situação social e circunstâncias físicas – e isso de modo algum subverte nossa liberdade” (REYNOLDS, 2013, p.75), apesar disso, o autor afirma que isso não limita nossa liberdade, apenas dá o contexto para exercitá-la. A liberdade existe na práxis, ou seja, a partir dos nossos atos, ela precisa ser exercida, sempre transcendendo para algo além, permitindo que possamos nos lançar em direção daquilo que desejamos. Somos livres para negar a facticidade, para pensar em outras possibilidades que não a facticidade em que estamos inseridos. Assim, o homem se caracteriza como um “ser-para-si”, caracterizado por uma consciência e intencionalidade (Sartre, 1970), constituindo-nos pela busca do que nos falta. A plenitude nos anularia: sem a falta, não haveria construção de ser.

A liberdade, apesar de uma condição intrínseca da existência, gera angústia. A angústia é a sensação experienciada quando há algum tipo de apreensão fenomenológica de nossa liberdade, ela, por tanto, pressupõe o reconhecimento de sua liberdade. A angústia e medo se diferenciam, no ponto em que:

O medo é uma apreensão irreflexiva sobre a possibilidade de que alguma coisa no mundo (e fora de nós) possa nos prejudicar; a angústia pressupõe uma apreensão reflexiva sobre o eu e nossa liberdade para responder a uma situação externa de vários modos diferentes. (REYNOLDS, Jack, 2013 p. 91).

A liberdade envolve, necessariamente, responsabilidade – gerando a angústia supracitada. Há a consciência de que nada externo pode nos obrigar a realizar algo, portanto, nossos sucessos (e nossos fracassos) são inteiramente nossa responsabilidade. Além disso, para Sartre, nossa responsabilidade não se limita a nós mesmos — ela se estende a toda a humanidade (Sartre, 1970). Ao escolher por mim, também escolho por todos os seres humanos, pois, ao definir e agir conforme o tipo de pessoa que desejo ser, estou, implicitamente, propondo um modelo de ser humano que considero ideal e que, portanto, julgo válido para todos.

O filósofo afirma que geralmente tentamos nos esquivar desta angústia da nossa liberdade e responsabilidade, essa situação é denominada por ele como “má-fé”, ou seja, “é a negação de nossa liberdade (transcendência) e de nossa facticidade, ou a falha em coordená-las” (REYNOLDS, Jack, 2013, p.95).

Para a análise proposta, será analisado um diálogo (descrito abaixo) entre Light Yagami (Kira) e Ryuk. Este diálogo ocorre no primeiro episódio, logo após os primeiros assassinatos cometidos por Kira.

3. PRIMEIRO EPISÓDIO – “RENASCIMENTO”

Para fins de melhor compreensão, segue descrição do diálogo entre Kira e Ryuk:

Light Yagami: - É questão de tempo até descobrirem que estes criminosos estão sendo eliminados por alguém. Quero que o mundo saiba da minha existência, que saiba que existe alguém por aí julgando os maldosos.

Ryuk: - Por que se preocupa, o que quer ganhar julgando todos eles? Porque você se importa?

Light Yagami: - Porque, eu também estava entediado. Eu não estava pronto para acreditar, mas agora é óbvio, tem alguma coisa no Death Note que faz os humanos quererem experimentar pelo menos uma vez.

Neste momento, há um flashback de Light Yagami na chuva, dizendo Flashback: “eu matei os dois, eu matei dois homens”, com a voz tremula e olhar assustado, “aquelas eram vidas humanas, e isso não vai ser esquecido, além do mais, quem sou eu para julgar as pessoas?” [...] “não, não, não... talvez eu esteja errado”, continua, mas desta vez sua expressão facial se modifica para uma mais séria e irritada, dizendo “era exatamente nisso que eu estava pensando, esse mundo está

podre e aqueles que fazem ele apodrecer merecem morrer, alguém tem que fazer isso, então por que não eu? Mesmo se for preciso sacrificar minha mente e minha alma, vale a pena, o mundo não pode continuar assim.”

[...]

Light Yagami: - Será um novo mundo, livre de justiça e populado por pessoas que eu julguei serem honestas, gentis e trabalhadoras.

Ryuk: - Mas se fizer isso você será a única pessoa má no mundo.

Light Yagami: - Hã? Não faço a mínima ideia do que está falando. Eu sou um grande aluno esforçado que é considerado um dos melhores e mais brilhantes do Japão e eu vou me tornar o deus desse novo mundo!

4. A MÁ-FÉ DE KIRA

“Facticidade” é o nome dado por Sartre ao conjunto de fatos que regem a vida do indivíduo e dá contexto para que ele exerça sua liberdade. Para a análise, é necessário observar qual o contexto em que o personagem analisado está inserido e como ele o interpreta.

O anime se passa em Tóquio, retratada como uma cidade onde ocorrem diversos crimes e pouca ação da polícia, gerando a sensação de impunidade por parte da população. Light Yagami é um dos residentes deste local, e expressa sua aversão a esta situação acreditando que criminosos são pessoas que “apodrecem” este mundo. O personagem se depara com o Death Note e, ao ler as instruções e regras, descobre que o caderno possui o poder de matar qualquer pessoa, de maneira imperceptível. Inicialmente não acredita que pudesse funcionar, desta forma, decide testá-lo em um criminoso – acarretando na morte do mesmo. Não satisfeito, Light decide escrever o nome de outro indivíduo para confirmar que sua morte não havia sido apenas uma coincidência.

Quando analisamos a cena do *flashback* após o assassinato, descrito junto ao diálogo, é possível notar a relutância e breve arrependimento expressado pelo personagem, questionando-se sobre o direito de continuar usando o caderno e julgar quem vive e quem morre. Nesta situação, podemos relacionar o que ele sentiu com o conceito de angústia proposto por Sartre, pois a angústia pressupõe o conhecimento de nossa liberdade, além de ser composta pela consciência da nossa responsabilidade de nossas ações.

A angústia associada a essa responsabilidade pode ser muito intimidadora, e isso é assim mesmo sem contemplar o fato de que, para Sartre, a despeito de ser responsável por toda a humanidade, nenhum indivíduo pode ter controle absoluto sobre a situação na qual está. (REYNOLDS, 2013, p.92).

Light percebe o poder e a responsabilidade que há em suas mãos: ao acreditar que os criminosos apodrecem o mundo e, desta forma, merecem morrer, escolhe utilizar o caderno para o que considera um “bem maior”. Ao assassinar os criminosos e criar sua persona como Kira, não escolhe apenas por ele mesmo, mas por toda Tóquio: agora há um vigilante, um justiceiro disposto a “limpar a cidade”.

Seu impasse e remorso duram pouco. Light passa a argumentar que o mundo está podre e que, se necessário, ele estaria pronto para se sacrificar e torná-lo melhor. Neste momento, após a angústia, o personagem passa a utilizar a facticidade para defender a ideia que é preciso alguém assumir este papel, questionando: “*alguém tem que fazer isso, então, por que não eu?*”. Contudo, Sartre afirma que “nenhum estado factual qualquer que ele possa ser é passível por si mesmo de motivar ato algum” (REYNOLDS, 2013, p. 88 BN: 435 - 459), portanto, a fala de Light explicita que ele usa a facticidade como a motivação, ou causa, da sua escolha de agir de uma maneira específica, negando assim, sua liberdade, argumentando que suas ações ocorrem por serem necessárias, coagidas pelo contexto, esquivando-se da angústia, negando sua liberdade e entrando na má-fé. O personagem também nega sua liberdade quando afirma que há no caderno uma “magia” com que faz com que o humano que o possua queira utilizá-lo por pelo menos uma vez. Esta informação não se confirma, a medida em que outros personagens que estiveram em posse do death note não se sentiram desta forma, apenas Light.

De acordo com Reynolds (2013), “A responsabilidade por tudo provavelmente seria muito mais suportável se fôssemos Deus e tivéssemos esse controle, mas estamos em uma situação e não podemos simplesmente estalar os dedos e fazer o mundo como quisermos” (p. 92). É justamente isso que Light persegue: tornar-se o deus de um novo mundo, agindo como se este emergisse ao acaso, como se suas ações fossem sempre justificadas por uma lógica superior e alienada a ele. Na má-fé, o indivíduo ocupa simultaneamente os papéis de enganador e enganado. Light, ao acreditar sinceramente que os criminosos corrompem a sociedade, encontra o caderno,

lê suas regras, escolhe a vítima, pensa nela, escreve seu nome — e, ao confrontar a culpa por essas escolhas, desloca a responsabilidade para o suposto magnetismo do caderno.

Ao longo da narrativa, Light constrói a si mesmo como uma figura quase mitológica na sociedade de Tóquio, negando a própria responsabilidade até nesse aspecto: não é ele quem mata, é Kira. No entanto, paradoxalmente, ele se empenha durante toda a trama em proteger sua identidade como Kira, manter a posse do caderno e evitar ser descoberto — revelando, assim, a contradição central de sua má-fé.

Outro trecho muito interessante do discurso de Light é : “quero que o mundo saiba da minha existência, que saiba que existe alguém por aí julgando os maldosos”. A fala indica sua necessidade de que os outros o percebam como este ser justo. Para Sartre, isto se dá pois

Assim, o homem que se alcança diretamente pelo cogito descobre também todos os outros, e descobre-os como sendo a própria condição de sua existência. Ele se dá conta de que só pode ser alguma coisa (no sentido em que se diz que alguém é espirituoso, ou é mau ou é ciumento) se os outros o reconhecerem como tal. Para obter qualquer verdade sobre mim, é necessário que eu considere o outro. O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente, que só pensa e só quer ou a favor ou contra mim. Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros.” (SARTRE, 1970, p.11).

Dessa forma, Light passa a perceber que, além de ser um “ser-para-si”, é também um “ser-para-o-outro”. Essa constatação o desestabiliza profundamente, pois, ao alimentar a ilusão de ser um “deus do novo mundo” e poderes absolutos, depara-se com algo que está além de seu controle: o olhar do outro. Ele se reconhece vulnerável diante desse outro, pois, apesar de seus esforços para construir e manter uma imagem perfeita, tanto como Light – um estudante genial – e Kira – um justiceiro que faz o que é preciso - não consegue determinar como será percebido ou julgado pelos demais.

O olhar do outro escapa ao domínio do sujeito e revela um aspecto fundamental da condição humana: somos vistos de formas que não controlamos, nem sempre compatíveis com a imagem que temos de nós mesmos. A tentativa de controlar a forma como somos vistos nada mais é do que uma estratégia para conter o impacto desse olhar, que, como afirma Sartre (2015),

o outro é o único capaz de transcender nossa própria transcendência. O outro nos revela dimensões de nós mesmos que buscamos ignorar ou negar. É nesse sentido que “o inferno são os outros”: porque eles tornam visível aquilo que gostaríamos de manter oculto. Esse conflito se manifesta já no primeiro episódio da obra, quando Light é confrontado por Ryuk, revelando a tensão entre a liberdade individual e o julgamento alheio.

5. CONCLUSÕES FINAIS

A partir da análise existencialista da construção e conduta de Light Yagami, é possível observar como *Death Note* se torna uma narrativa importante para compreender conceitos fundamentais do pensamento de Jean-Paul Sartre, como liberdade, responsabilidade, angústia, má-fé e o olhar do outro. Light representa, ao longo da trama, um sujeito que nega sistematicamente sua liberdade e responsabilidade, tentando justificar suas escolhas por meio da facticidade, por uma suposta moral universal ou por uma força externa mística atribuída ao Death Note. Essa postura o conduz à má-fé, na medida em que age livremente, mas se recusa a reconhecer a responsabilidade por suas ações.

O personagem revela uma concepção essencialista do ser humano, ao classificar os indivíduos em "bons" ou "maus" e justificar a eliminação dos que considera moralmente inferiores. Tal visão contradiz diretamente o pensamento existencialista, que rejeita qualquer essência humana prévia, afirmando que o homem é aquilo que faz de si. Além disso, Light busca constantemente controlar a forma como é percebido, mas se vê frustrado diante da impossibilidade de controlar o olhar do outro.

Assim, a trajetória de Light evidencia a recusa da liberdade como condição humana tal como descrita por Sartre. Ao mesmo tempo em que exerce sua liberdade, ele a nega; ao tentar ser um deus, revela-se apenas um homem angustiado, tornando-se um exemplo ficcional potente refletir sobre os dilemas existencialistas.

REFERÊNCIAS

REYNOLDS, Jack. **Existencialismo**. Tradução de Caesar Souza, Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

SARTRE, Jean-Paul. **Existencialismo é um Humanismo**. Tradução de Rita Correia Guedes. L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris: 1970.

Sartre, Jean-Paul. **O ser e o Nada**. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.